

**ÁLVARO SIZA: FRAGMENTOS DE CONTINUIDADE**  
**ÁLVARO SIZA: FRAGMENTS OF CONTINUITY**

**Carles Muro**

Em Agosto de 1962, um jovem François Truffaut chegou a Los Angeles para entrevistar Alfred Hitchcock. Não se tratava de uma entrevista qualquer. O objectivo de Truffaut era tentar compreender como Hitchcock tinha tomado cada uma das decisões durante a preparação, rodagem e montagem de cada um dos seus filmes. Ao longo de mais de vinte e sete horas, eles revêem, um a um, todos os filmes realizados por Hitchcock até aquele momento.

O mais importante nestas entrevistas não é tanto o conhecimento profundo que Truffaut tem da obra do seu mestre, mas a forma como aborda a sua obra. Não é o olhar de um crítico ou de um historiador do cinema, mas o de um jovem cineasta. Trata-se, portanto, de uma série de entrevistas no interior de uma disciplina, conduzidas por alguém que partilha a mesma profissão. Truffaut tenta colocar a si próprio as mesmas questões que Hitchcock se colocou na altura, e obriga-o a reflectir sobre o seu próprio trabalho. O livro que reúne estas entrevistas intitula-se *O cinema segundo Hitchcock*<sup>1</sup> e é, sem dúvida, o melhor testemunho que temos do pensamento e da forma de trabalhar de Hitchcock.

Gostaria também que existisse *A arquitectura segundo Siza*. Um livro que examinasse, um a um, todos os projectos de Álvaro Siza, construídos e não construídos, e nos oferecesse algumas chaves para a sua arquitectura. Um livro em que Siza seria inquirido sobre as condições impostas a cada projecto pelos desejos de um cliente, pelos requisitos da regulamentação local, por uma topografia ou geometria particular do local, pelos materiais ou técnicas disponíveis num determinado momento e lugar, ou por tantas outras questões que os arquitectos têm de enfrentar no desenvolvimento dos seus projectos. Um livro em que nos contaria como sempre deu uma resposta singular a todas estas condicionantes e como conseguiu transformá-las, em muitas ocasiões, em oportunidades de projecto. Um livro em que nos contaria não só como enfrentou todas estas condicionantes externas, mas também como alguns dos seus projectos são também reflexo – embora quase nunca de forma directa – de uma leitura ou visita recente. Um livro que nos revelasse também alguns dos seus propósitos mais escondidos, tudo o que pretendia num determinado projecto para além das condicionantes externas.

Este livro não existe, mas há uma multidão de fragmentos em que Álvaro Siza tem vindo a desvendar o seu pensamento arquitectónico, sobretudo com base em projectos específicos. Por um lado, tem-no feito através de um grande número de escritos, geralmente breves e precisos. Poder-se-ia dizer que Siza escreve com a mesma precisão e clareza enigmática com que projecta. Por outro lado, Siza tem deixado muitos indícios em centenas de entrevistas. Creio que a conversa é uma forma particularmente adequada de conhecer a obra de Siza. Sobretudo quando o interlocutor não é um jornalista, mas um arquitecto, alguém que partilha a mesma profissão e tenta compreender a arquitectura de Siza por dentro. Neste caso, o entrevistador torna-se um provocador ou instigador, obrigando Siza a reflectir sobre uma determinada questão. Nesse preciso momento, na minha opinião, constrói-se uma boa parte do pensamento de Siza, que nos esclarece, em poucas frases, sobre uma série de projectos e decisões de projecto sobre os quais, talvez, não teria reflectido sem a presença de um entrevistador como agente activador do pensamento.

O livro que o leitor tem em mãos reúne um grande número de fragmentos de textos e entrevistas – ou seja, palavras escritas ou ditas por Álvaro Siza ao longo do tempo – e tenta reorganizá-los de forma a construir, ou pelo menos sugerir, alguns *princípios de projecto*. Nestas páginas podemos reconhecer muitos dos traços que caracterizam o modo de trabalhar de Siza, como a sua extraordinária capacidade de identificar a atmosfera e destilar a essência dos lugares onde trabalha, a sua vontade inabalável

In August 1962, a young François Truffaut arrived in Los Angeles. The purpose of his trip was to interview Alfred Hitchcock. This was to be no ordinary interview. Truffaut's aim was to try to understand how Hitchcock had taken each and every decision during the preparation, shooting and editing of each and every one of his films. Over the course of more than twenty-seven hours, they reviewed, one by one, all of Hitchcock's films up to the time of the interview.

The most remarkable thing about these interviews is not so much Truffaut's profound knowledge of his master's work, but the way he approaches it. He does not do so with the gaze of a critic or a film historian, but with that of a young filmmaker. It is, therefore, a series of interviews from within the discipline, conducted by someone who shares the same profession. Truffaut tries to ask himself the same questions that Hitchcock had asked himself while at work on the films, and forces Hitchcock to reflect on his own work. The book that brings together these interviews is entitled *The Cinema According to Hitchcock*<sup>1</sup> and is, without doubt, the best account we have of Hitchcock's way of thinking and working.

I would also like there to be *Architecture According to Siza*. A book that would examine, one by one, all of Álvaro Siza's projects, built and unbuilt, and offer us some keys to his architecture. A book in which Siza would be questioned about the conditions imposed on each project by the wishes of a client, by the requirements of local regulations, by a particular topography or geometry of the site, by the materials or techniques available at a given time and place, or by so many other questions that architects have to face in the development of their projects. A book in which he would tell us how he has always given a unique response to all these conditioning factors and how he has managed to transform them, on many occasions, into design opportunities. A book in which he would not only tell us how he has faced all these external constraints, but also how some of his projects are also a reflection – although almost never in a direct way – of a recent reading or a visit to a given work of architecture. A book that would also reveal some of his more hidden intentions. Everything he aimed at, beyond the external constraints, while working on a given project.

This book does not exist, but there are a multitude of fragments in which Álvaro Siza has been unpacking his architectural thinking, above all on the basis of specific projects. On the one hand, he has done so through a large number of writings, usually brief and precise. It could be said that Siza writes with the same precision and enigmatic clarity with which he designs. On the other hand, Siza has offered many insights into his way of thinking in hundreds of interviews. I believe that conversation is a particularly appropriate way of approaching Siza's work. Particularly when the interviewer is not a journalist but an architect, someone who shares the same profession and tries to understand Siza's architecture from the inside. In this case, the interviewer becomes a provocateur or instigator, forcing Siza to reflect on certain questions. In that precise moment, in my opinion, a great deal of Siza's thought is constructed and he sheds light, in a few sentences, on a series of projects and project decisions on which, perhaps, he would not have reflected without the presence of an interviewer as a triggering agent.

The book that the reader has in his hands brings together a large number of fragments of texts and interviews – that is, words written or pronounced by Álvaro Siza over time – and attempts to reorganise them in order to construct or, at least, suggest some *design principles*. In these pages we can recognise many of the features that characterise Siza's way of working, such as his extraordinary ability to identify the atmosphere and distil the essence of the places where he works, his unwavering desire to always go beyond apparent oppositions and inhabit the complexities and contradictions of architectural culture or his persistent search for *the perfection of detail until the*

de ir sempre além das aparentes oposições e habitar as complexidades e contradições da cultura arquitectónica ou a sua persistente procura da *perfeição do detalhe* até à *dissolução do detalhe*, entre muitos outros. Mas, se tivéssemos de condensar num único princípio a totalidade da sua obra, desde os seus primeiros projectos em Matosinhos até às suas obras mais recentes pelo mundo fora, esse seria, sem dúvida, o princípio da continuidade. Continuidade com toda a história da arquitectura e com as sucessivas transformações que um determinado lugar sofre ao longo do tempo. Continuidade com os lugares em que a sua obra é implantada: uma continuidade que não significa necessariamente mimese ou imitação, mas diálogo. A continuidade como garantia de inovação autêntica, baseada numa forma de entender a arquitectura como um todo contínuo e interligado, em que nada pode estar terminado.

A *arquitectura segundo Siza* não existe. Mas talvez seja melhor assim, fazendo com que cada um de nós – e os arquitectos que nos sucederão – tenha de recompor esses fragmentos e construir o seu próprio caminho. Como Álvaro Siza teve de fazer no seu tempo, estudando cuidadosamente as obras dos que o precederam e depois recompondo-as – de forma excepcional e por vezes inesperada – através de cada uma das suas obras.

<sup>1</sup> A edição original em francês intitulava-se *Le cinéma selon Hitchcock*, evocando os evangelhos, enquanto a edição em português foi intitulada *Hitchcock / Truffaut* e publicada pela Companhia das Letras (São Paulo, 2004).

*dissolution of detail*, among many others. But, if one had to condense into one single principle the totality of his work, from his first projects in Matosinhos to his most recent works all over the world, this would undoubtedly be the principle of continuity. Continuity with the entire history of architecture and with the successive transformations that a given place undergoes over time. Continuity with the places in which his work is deployed: a continuity that does not necessarily mean mimesis or imitation, but dialogue. Continuity as a guarantee of authentic innovation based on a way of understanding architecture as a continuous, interwoven whole, in which nothing is ever considered complete.

*Architecture According to Siza* does not exist. But perhaps it is better this way, making each one of us – and the architects who will succeed us – have to recompose these fragments and build our own path. As Álvaro Siza had to do in his day, carefully studying the works of those who preceded him and later recomposing them – in an exceptional and sometimes unexpected way – through each and every one of his works.

<sup>1</sup> The original French edition was entitled *Le cinéma selon Hitchcock*, evoking the gospels, while the English edition of the book was simply titled *Hitchcock / Truffaut* (Simon & Schuster, New York, 1967).